

“NHÁ CHICA”¹, A SANTA DO RIO DAS MORTES

José Antônio de Ávila Sacramento

*"O Brasil precisa de santos, de muitos santos"*²

Acredito que se observarmos bem a vida e a obra dos santos e santas teremos sempre algo a aprender. A vida das santidades é quase sempre um exemplo concreto de como transformar o mundo pela caridade, pela dedicação e pelo serviço. Alguns exemplos, como dizem, são mais eloqüentes que muitos tratados. Assim, este trabalho não deve ser apreciado como mais uma biografia entre as muitas já existentes sobre Nhá Chica. Não tenho a pretensão de registrar fatos novos, mesmo porque o que vai aqui escrito é mérito dos pesquisadores que já se debruçaram exaustivamente sobre os documentos até então conhecidos ou existentes. Este trabalho tem a pretensão de levar ao conhecimento dos são-joanenses um pouco da vida e da obra de uma santidade nossa conterrânea e que, infelizmente, ainda está praticamente esquecida sob a poeira do tempo. Se isto acontecer, este escriba já se dará por satisfeito.

Em 26 de setembro de 2006, quando eu, Wainer de Carvalho Ávila e o escultor Osni Geraldo de Paiva protocolizamos na Diocese de São João del-Rei o pedido para abertura de processo visando a canonização do padre cajuruense Miguel Afonso de Andrade Leite³, assim nos manifestamos:

Nesta época de crise das utopias coletivas, num período de desconfiança e de incredulidade em relação ao que é teórico e ideológico, achamos importante o renascer de uma nova atenção para com os santos, notadamente os nacionais e os locais – a exemplo de *Nhá Chica*, nascida no atual distrito são-joanense de Rio das Mortes, àquela época “Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno” – , figuras singulares nas quais encontramos não uma nova teoria e nem sequer uma nova moral, mas um novo desígnio de vida a narrar, um mundo novo a descobrir através do estudo, uma nova forma de amar com devoção e algo que nos impulsiona a realizar atos mediante a tentativa da aproximação com o próprio Cristo.

Frei Chico e Lélia Coelho Frota⁴, enquanto escrevem o prefácio (provisório) do livro “Abecedário da Religiosidade Popular”, registram estas importantes considerações:

muitos cientistas e jornalistas, quando falam da vida do povo brasileiro, excluem de suas análises a religião, que explica muita coisa e tem a ver com a lógica do cotidiano (...). A religião é tratada como um campo separado da vida e do mundo, onde não teria sentido(...). Afinal, em Medellín, no ano de 1968, a Igreja da América Latina fez a sua opção preferencial pelos pobres. Nas culturas da

¹ *Nhá Chica* é termo que equivale a “Senhora Francisca”.

² Como o Papa João Paulo II disse em 18 de outubro de 1991, na homilia da missa de Beatificação de Madre Paulina, em Santa Catarina.

³ Saiba mais sobre a vida e obra do pe. Miguel na Revista da Academia de Letras de São João del-Rei, Ano I, nº. 1, 2005 - páginas 113-125.

⁴ Frei Francisco van der Poel (OFM) é um frade franciscano holandês. Mora no Brasil desde 1967. Trabalhou no Vale do Jequitinhonha, na Colônia de S.Isabel (Betim) e Ribeirão das Neves. É integrante da Comissão Mineira de Folclore, do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e da Ordem dos Músicos do Brasil, dentre outros. Lélia Coelho Frota é carioca, escritora, antropóloga, historiadora de arte. Foi diretora do Instituto Nacional do Folclore (da Funarte) e é ex-presidente do IPHAN.

população pobre, a religiosidade é um forte dado comum que contribui para a coesão e a harmonia da sua vida. Aí, a fé no sobrenatural constitui elemento familiar que perpassa o cotidiano. O que é matéria do espírito nunca está separado da atividade humana, no trabalho ou na festa, na doença ou na cura.

Nhá Chica tem uma enorme aceitação popular. É considerada uma “dádiva de Deus aos pobres e aflitos”. “É uma filha do nosso povo, com todo drama da vida de tanta gente sofrida”. A religiosidade, porém, não é, não pode e nem deve ser privilégio dos pobres ou dos menos esclarecidos. Ela sempre se manifestou arraigadamente, desde tempos remotos, em todas as classes sociais. Desde tempos imemoriais a relação de poder envolve a questão patrimonial aliada à religiosidade. Na antiguidade o poder dos faraós e dos imperadores sempre estiveram cercados de riqueza e religiosidade. Assim, não é admissível que qualquer religião, para se impor, tenha de empobrecer pessoas ou amordaçar-lhes o pensamento. Até mesmo o conflito existente entre a religião e ciência poderá ou deverá ser temporário. No devido tempo, certamente, essas duas partes da compreensão humana irão se pacificar, deixando para cada uma os espaços que lhe cabem, seja no campo das coisas reais e do criacionismo científico, ou no campo das coisas transcendentais e inexplicáveis pela ciência. Estas considerações são livres e feitas de coração aberto, mesmo sem ter a devida especialização em um ou outro dos assuntos. Aos teólogos e cientistas, principalmente, é que compete falar com precisão sobre o tema. Assim, feita esta ressalva pela intromissão nesta seara, doravante passarei a escrever algumas breves informações sobre a nossa conterrânea Francisca Paula de Jesus.

Nasceu em 1808, na fazenda Porteira dos Villelas⁵, povoado de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno, topônimo reduzido indevidamente para Rio das Mortes⁶, uma menina que mais tarde, aos 26 de abril de 1810, foi batizada com o nome de Francisca Paula de Jesus.

Com cerca de oito anos a menina Francisca mudou-se para a cidade de Baependi⁷, acompanhando a sua mãe Isabel Maria⁸ e o irmão Theotônio⁹. Desconhece-se o motivo daquela mudança. Sebastião de Oliveira Cintra escreveu em seu livro “Galeria das

⁵ Segundo declaração de Monsenhor Almir de Rezende Aquino, nascido na mesma fazenda. Antônio Gaio Sobrinho escreveu que Nhá Chica nasceu em um “local denominado *Sítio do Atalho*, onde ocorrem também nomes como *Morro do Cascalho* e *Porteira dos Villelas*”.

⁶ Rio das Mortes é um dos cinco distritos de São João del-Rei, município situado “no rico e ubérrimo vale do Rio das Mortes”. O topônimo Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno já era conhecido desde antes do primeiro quartel do século XVIII. Felizmente já tramita na Câmara Municipal de São João del-Rei o Projeto de Lei nº 5198, de autoria do vereador Antônio Carlos de Jesus Fuzatto, que visa revogar o Decreto-Lei nº 148, de 17.12.1938, e recuperar o topônimo Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno.

⁷ Baependi teve sua origem em fins do séc. XVII, por volta do ano de 1692, quando os paulistas Antonio Delgado da Veiga, seu filho João da Veiga e Manoel Garcia, partiram de Taubaté-SP em busca de ouro; transpondo a Serra da Mantiqueira, alcançaram um sítio que chamaram MAEPENDI - Mbaé-pindi significa "a clareira aberta" ou "muitos caminhos dependurados", em Tupi.

⁸ Isabel Maria, a mãe de Nhá Chica, era filha de Rosa Benguela, foi batizada em 13 de outubro de 1782 na Capela de São Miguel do Cajuru. Não se tem conhecimento de quem era o pai de Nhá Chica, pois “a serva de Deus conheceu as agruras de nascer escrava, porque era filha natural de mãe escrava, presumivelmente tendo como pai algum proprietário de terras de Santo Antônio do Rio das Mortes”.

⁹ Theotônio Pereira do Amaral obteve altos postos na sociedade baependiana, além de manter presença na religiosidade daquela cidade, posto que fora membro da mesa da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, entre outros; nascera cerca de quatro anos antes de Francisca, em 1804. Era casado com Leonora Maria de Jesus, mas não deixou descendência. Foi tenente da Guarda Nacional e, em 1821, foi nomeado para o cargo de Juiz de Vintena da Aplicação de Santo Antônio da Piracicaba, localidade rural de Baependi. Faleceu em 1861 deixando como a irmã Francisca como sua herdeira universal. “Não foi possível também saber porque o irmão tinha o nome ‘Pereira do Amaral’ enquanto a Serva de Deus, o de ‘Paula de Jesus’. Seria Theotônio filho de alguém da família ‘Amaral’ do Rio das Mortes? Família que era e é importante naquela localidade...”

Personalidades Notáveis de S. João del-Rei que Isabel “escolheu aquela localidade porque na mesma residiam parentes dela”. Já o livro “Nhá Chica - A Pérola de Baependi” traz a informação de que “não há prova documental de que existissem parentes de Nhá Chica residindo em Baependi” e que “talvez Izabel, uma ex-escrava, tenha se mudado à procura de uma vida melhor em outra localidade.”

Logo depois da mudança para o sul de Minas a mãe de Francisca faleceu e ela, com apenas dez anos, cresceu em companhia do irmão, levando uma vida solitária. Dedicou-se à fé. Passou por uma infância e juventude difíceis. Não teve nenhuma instrução. Segundo depoimento do médico e hidrologista Henrique Monat¹⁰, Nhá Chica

veio pequena para Baependi onde se viu órfã na idade de dez anos; um irmão constituía toda sua família; morrendo sua mãe lhe recomendara a vida solitária, para melhor praticar a caridade e conservar a fé Cristã. Seguindo esse conselho ella não deixou a casa onde vivia, recusando o convite do irmão que a chamava para sua companhia. Cresceu isolada do mundo que a cercava, dedicando-se à caridade e à fé. ‘Nunca senti necessidade de aprender a ler’, disse-me ela; ‘só desejei ouvir ler as escrituras santas; alguém fez-me este favor; fiquei satisfeita.’ Rapazes de seu tempo pediram-na em casamento; recusou a todos, sem se mostrar contrariada; tornou-se até muito amiga do que mais insistira, grata pelas boas intenções... Tinha, porém, uma missão a cumprir. Moça ainda, Nhá Chica já era mãe dos pobres; pouco a pouco foi se estendendo a sua fama, porque os seus conselhos eram sempre muito ajuizados. Para todos ela tinha palavras de consolação e de conforto, a promessa de uma oração, a predição do resultado de uma empresa ou um socorro material.

Com o tempo a fama de virtuosa cresceu e a tornou por demais conhecida, pela sua clarividência e virtuosismo. Aconselhava a todos, dos mais humildes aos conselheiros do Império. Por sua alma caridosa, se tornou conhecida como a “Mãe dos Pobres”. Com sua fé, caridade, amor ao próximo e desprendimento total, acalentou quem foi em busca de uma palavra amiga, da resolução de um problema, da dissolução de uma dúvida ou dívida. Quando alguém se admirava de suas predições, dos fatos inusitados e dos milagres ocorridos por sua influência, ela explicava: “Isso acontece porque rezo com fé.” Prodígios em pessoas simples e da elite ocorreram através dela. Os que se dirigiam a Caxambu, para veraneio ou se aproveitarem da fama curativa das águas, passavam por Baependi para visitar, agradecer e pedir graças, e serem abençoados pela “santinha” do Rio das Mortes¹¹.

Nhá Chica, além de outras obras em Baependi, construiu uma Capela “a pedido de Nossa Senhora da Conceição”. O local da construção foi o alto de um morro, onde possuía um terreno. A dita Capela (34,35m de comprimento x 8,20m de largura) foi terminada três anos após a sua morte, em 1898, segundo alguns historiadores. Outros estudiosos afirmam que a

¹⁰ Dr. Henrique Monat era titular da Academia Imperial de Medicina e fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Conviveu com Nhá Chica, de quem obteve vários depoimentos.

¹¹ Entre os ilustres que visitaram a região estavam a Princesa Isabel e o Conde D’eu, o Visconde do Cruzeiro (Conselheiro do Imperador, Conselheiro de Estado, ex-Senador do Império, Deputado Provincial e Geral) e o médico Dr. Henrique Monat, citado na nota anterior. No arquivo da Associação Beneficente Nhá Chica estão registradas, de 1937 a outubro de 2005, 16.051 graças alcançadas. A graça alcançada pela profª. Ana Lúcia Meirelles Leite, de Caxambu-MG, foi aceita pelo Vaticano, que analisa o pedido de beatificação de Nhá Chica. Ana Lúcia tinha um defeito congênito no coração, comprovado por uma bateria de exames médicos, logo após uma isquemia, em julho de 1995. Na véspera da cirurgia, a professora estava com uma febre muito alta, que a impediu de ser operada. A cirurgia foi adiada. Depois, para surpresa do médico, foi constatado que já não existia mais o problema. A abertura no coração havia se fechado, sem e necessária intervenção cirúrgica. Médicos de Baependi, São Paulo, Belo Horizonte e Pouso Alegre deram seus testemunhos de que a medicina não era capaz de explicar o acontecido e que não havia a mínima possibilidade de a paciente ser curada sem submissão à cirurgia.

Capela já estava concluída e em funcionamento antes da morte dela. A singela casinha de Francisca, ao lado da então Capela de Nossa Senhora da Conceição, está bem conservada e pode ser visitada, ao lado de onde hoje está construído um imponente Santuário. Dr. Henrique Monat assim escreveu a respeito da casinha de Nhá Chica:

Morta a sua mãe, Nhá Chica herdou uma fortunazinha em ouro, que consagrou à edificação de uma igreja, junto à casinha onde crescera e atingira a velhice. É aí que ela recebe a todos indistintamente, sempre alegre. No alto de uma colina vê-se a igreja muito modesta; nos fundos, bate-se a uma portinha sempre meio cerrada. Entre – grita ela com vozinha seca, fina. Penetra-se numa salinha de aspecto monacal, asseada, bem caiada, sempre meio escura, porque a janela e a porta nunca se abrem de todo; o chão é de terra batida; a mobília consta de seis cadeiras, dois bancos de pau, mesa, uma marqueteza sem colchões nem lençóis. É Minha cela – disse ela, mas não durmo sempre aqui.

A casa de Nhá Chica está aberta à visitação e nela encontram-se alguns de seus objetos pessoais, tais como, seu terço, a imagem de N. Sra. da Conceição, as paineis e o fogão de lenha onde cozinhava.

Os últimos dias de Nh  Chica transcorreram em clima de oração e de ajuda aos que a ela pediam socorro. Nh  Chica faleceu em 14 de junho de 1895 “em conseq encia de anemia geral por causa de afecções g astricas”. O corpo dela permaneceu insepulto por quatro dias, sem o menor sinal de decomposição; foi enterrado na igreja que construiu, atendendo ao desejo expresso em seu testamento.

Em 1957, foi criada a Fundação Nh  Chica, atual Associação Beneficente Nh  Chica, instituição filantrópica que em continuidade à obra de Nh  Chica, atende crianç as  rf as ou desprotegidas e se mant m com doações deromeiros e turistas.

Em 18 de junho de 1988 seus restos mortais foram exumados e trasladados do túmulo original para uma urna de mármore que está na mesma igreja e vêm sendo visitados e venerados por pessoas de todo o Brasil e do exterior. Segundo as declarações de Dom Diamantino Prata de Carvalho, bispo de Campanha, que estava presente   exumação de Francisca de Paula de Jesus, um perfume como de rosas provinha do túmulo dela.

Em 1993 a Diocese de Campanha e a comunidade baependiana provocaram a instauração da causa da sua canonização. O processo encontra-se no Vaticano, em adiantado andamento e com perspectivas de que brevemente a santidade da são-joanense nascida no distrito do Rio das Mortes seja oficialmente reconhecida pela Igreja Católica como sendo a primeira santa leiga e genuinamente brasileira¹².

Dentre as várias declarações arquivadas em Baependi, há uma de um são-joanense que assim se expressou:

Dom Lucas Cardeal Moreira Neves, O.P., cumprimenta cordialmente as prezadas Irmãs Franciscanas do Senhor, agradece o convite para a celebração do Centenário de morte de Nh  Chica e se escusa por não ter podido comparecer; agradece também o presente da pequena biografia da sua conterrânea de São João del-Rei, verdadeira filha do nosso povo mais pobre, simples e religiosa. Na expectativa de um reconhecimento pela Igreja da santidade de Nh  Chica.
(Ass.) Frei Lucas Cardeal Moreira Neves - Arcebispo da Bahia - Primaz do Brasil
- Presidente da CNBB. Salvador, 07 de setembro de 1995.

¹² Madre Paulina do Coração Agonizante de Jesus é o nome religioso de Amabile Lucia Visintainer. Viveu em Santa Catarina desde os 10 anos de idade. Fundadora da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição,   italiana, nasceu em V golo Vattaro, Trento, aos 16 de dezembro de 1865.

Paulo Coelho, um dos escritores que mais vende livros, membro da Academia Brasileira de Letras, referindo-se a sua visita a Baependi, afirmou em reportagem do Jornal do Brasil, de 1998:

“(...) Comecei a passear pelos arredores e terminei entrando na humilde casa de Nhá Chica, ao lado da igreja. Dois cômodos e um pequeno altar, com algumas imagens de santos, e um vaso com duas rosas vermelhas e uma branca. (...) Fiz um pedido: se algum dia eu conseguir ser o escritor que queria ser (...), voltarei aqui quando tiver 50 anos e trarei duas rosas vermelhas e uma branca. (...) Ali começava minha jornada de volta aos sonhos, à busca espiritual, à literatura, e um dia eu me vi de novo no Bom Combate, aquele com o coração cheio de paz, porque é resultado de um milagre. Nunca me esqueci das três rosas.”

Entre os dias 21 e 22 de maio de 2004 aconteceu em Baependi o “I Encontro de Estudos sobre Nhá Chica – Mulher de Deus e do Povo no Contexto da História”, com rica programação e com a participação de diversas personalidades, entre elas o ilustre professor Antônio Gaio Sobrinho, que naquele evento apresentou a sua conferência “São João del-Rei: Contexto Histórico-Religioso, no século XIX. Santo Antônio do Rio das Mortes. Nascimento de Nhá Chica.”¹³

Em 08 de dezembro de 2005, foi inaugurado em Baependi o Memorial Nhá Chica, onde o visitante pode conhecer um pouco mais sobre a vida e a obra dela, através de objetos e documentos que lhe pertenceram. A exposição está dividida em cinco partes: A Origem, A Vida, A Fé, As Publicações e A Beatificação.

Em 16 e 17 de junho de 2006, Dom Serafim Cardeal Fernandes de Araújo, Arcebispo Emérito de Belo Horizonte, declarou, durante o “II Encontro de Estudos sobre Nhá Chica”, em Baependi: "eu cheguei com Nhá Chica a meu lado, mas saio de Baependi com Nhá Chica dentro do meu coração". Durante o encontro, pesquisadores de vários Estados do País e devotos reuniram-se na Associação Beneficente Nhá Chica (dirigida pelas Irmãs Franciscanas do Senhor) para estudar a vida e a obra da Serva de Deus e saber do andamento do processo de canonização. Dom Serafim foi o presidente de honra do II Encontro¹⁴. Como conferencista, disse que "a chegada de Nhá Chica ao altar é irreversível", porque ela "se insere na genealogia das heroínas bíblicas". Em sua fé, o Cardeal traduziu o sentimento dos milhares de devotos que crêem na santidade da leiga que dedicou toda a sua vida a servir a Deus e aos pobres: "Nhá Chica é um dom para Baependi, um dom para Minas Gerais e um dom para o Brasil".

O Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos, cardeal português Dom José Saraiva Martins, que representou o Papa Bento XVI durante a cerimônia de beatificação de Pe. Eustáquio no dia 15 de junho de 2006, em Belo Horizonte, disse, em entrevista ao jornal O Estado de Minas, que o processo de Nhá Chica "está bem adiantado no Vaticano". A expectativa é de que a beatificação ocorra no ano de 2007, com a visita do Papa Bento XVI ao Brasil¹⁵.

¹³ A brilhante conferência foi publicada em livro, no “Anais do I Encontro de Estudos sobre Nhá Chica”, mandado editar pela Associação Beneficente Nhá Chica, páginas 61 a 76.

¹⁴ Vai uma provocação: quando é que nós, são-joanenses, iremos realizar aqui um ciclo de estudos sobre a vida e a obra da “santa” nossa conterrânea?

¹⁵ No Brasil existem cerca de 40 processos de beatificação em andamento. Alguns deles têm boas possibilidades de serem beatificados em breve. Além de Padre Eustáquio (já beatificado e que não é brasileiro, nasceu em Aarle Rixtel, na Holanda, a 13 de novembro de 1890), estão próximos de ser tornarem beatos Francisca Paula de Jesus - Nhá Chica, Albertina Berkenbrock (brasileira, do município de Imaruí, sul do estado de Santa Catarina), os mártires Padre Manuel e Adílio (de Nonoai - RS), Irmã Lindalva (nascida aos 20 de Outubro de 1953, no Sítio Malhada da Areia, município de Açú, RN), Irmã Dulce (nasceu em Salvador-BA, em 26 de maio de 1914) e Frei Galvão (nascido em Guaratinguetá-SP no ano d 1739). Existe uma expectativa entre os fiéis de que o papa Bento XVI aproveite sua visita ao Brasil em maio de 2007 para promover uma espécie de beatificação em série.

Passados mais de cento e onze anos da morte de Francisca, centenas de fiéis de todo Brasil vão ao Santuário de Nossa Senhora da Conceição, em Baependi, para rezar em sua memória, pedir graças e agradecer as que foram alcançadas. Também no distrito são-joanense do Rio das Mortes notamos que há romarias, sempre muito piedosas e cada vez mais numerosas. São João del-Rei e Baependi dividem entre si a honra de serem intimamente ligadas à vida de Nhá Chica; se a primeira deu-lhe o berço, a segunda a abrigou e guarda a sua sepultura.

Assim, também acreditando na santidade de Nhá Chica, o povo de São João del-Rei e do distrito do Rio das Mortes, de maneira simples, mas com muita fé, prestam-lhe sempre as suas homenagens¹⁶. No ano de 2006, quando completaram os 111 anos do falecimento de Nhá Chica, mereceram destaques os seguintes registros: a protocolização de uma ação judicial, no fórum a Comarca de São João del-Rei, distribuída para o juiz da 3ª vara cível, na qual se pleiteia o “Registro Civil Tardio de Nhá Chica”. Na petição¹⁷ o Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, o Rotary Club de São João del-Rei e a Associação de Amparo e Promoção ao Carente do Distrito do Rio das Mortes, requerem, através de seu procurador Wainer Carvalho Ávila, que “efetue-se o assentamento civil de Nhá Chica”. Outro registro a ser considerado foi o da histórica caminhada, feita em 16 de junho, saindo da área central do distrito do Rio das Mortes, rumo aos vestígios da casa onde viveu a “santa”. Lá, naquele sítio situado na beirada do Caminho Real, entre o distrito e a sede do nosso município, ouvimos depoimentos de graças obtidas por intermédio da “santinha do Rio das Mortes”¹⁸. O último registro de 2006 é o de outra caminhada, que saiu do local da anterior, em direção das ruínas da primitiva Igreja de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno, local do batismo de Nhá Chica¹⁹.

Acredito que a filosofia existencial de hoje é a filosofia da cultura, isto é, dos valores, dos bens criados pela civilização, quer sejam eles materiais, imateriais, religiosos ou espirituais. Esses bens são aquisições portadoras de profundo sentido vital e racional, capazes de constituir um rumo para as pessoas, para as gerações e os diversos povos: é a racionalidade de uma cultura.

¹⁶ Antônio Gaio Sobrinho registrou que a fama de santidade de Nhá Chica está, hoje, plenamente reconhecida no Rio das Mortes, principalmente depois que a imagem do padroeiro do lugar, Santo Antônio de Pádua, foi recuperada das mãos de audaciosos ladrões de objetos sacros, após a organização de uma romaria, com mais de uma dezena de ônibus, até a cidade de Baependi, para pedir a graça de encontrar a imagem que é de grande significado religioso, de valor histórico e material para o povo daquele Distrito. Após seis dias da romaria, acredita-se que sob a intervenção de Nhá Chica, prenderam o ladrão e ele revelou o paradeiro da imagem, que já estava bem acondicionada e pronta para ser mandada para o exterior.

¹⁷ A íntegra da petição faz parte deste artigo.

¹⁸ Ouvimos o relato pessoal da cura de um câncer de pulmão obtida pelo advogado e confrade do IHG de São João del-Rei, Álvaro Bosco Lopes de Oliveira. Infelizmente, para triste registro histórico, há também a necessidade de se lembrar da denúncia do advogado Wainer de Carvalho Ávila e do major-caminheiro Murilo Geraldo de Souza Cabral: o histórico “Caminho do Cascalho”, ao sopé da Serra do Lenheiro, sentido S. João del-Rei/Rio das Mortes, servidão de mais de duzentos anos, parte integrante do trajeto original da Estrada Real, trilha mística e religiosa, encontra-se bloqueado por um mega-empreendimento particular que além de configurar-se como invasão, abriga a construção de frágeis represas que, se rompidas, podem levar perigo para os habitantes do distrito do Rio das Mortes. Além disto, o empreendimento causa impacto ambiental negativo, com prejuízos ecológicos àquela área.

¹⁹ Foi na primitiva capela de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno que, em 1722, instalou-se o Compromisso da Irmandade de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno. Foi também naquela capela que se casaram, em 29 de junho de 1724, Júlia Maria da Caridade e Diogo Garcia da Cruz (ela ilhoa do Faial, arquipélago dos Açores, por isso uma das “Três Ilhoas”) que se constituíram importante tronco de uma descendência enorme e que se espalhou por Minas Gerais, São Paulo e Goiás. Wainer de Carvalho Ávila e outros previam a realização de uma missa campal pelos 111 anos de morte de Nhá Chica; a pretendida missa, segundo ele, deixou de acontecer devido à resistência do clero em celebrá-la.

Sabemos que ainda existe muita História escondida sob a poeira destes silicosos caminhos da Estrada Real, que circundam a sede e os sub-burgos da “Capital Brasileira da Cultura 2007”²⁰. Torna-se necessário garimpar e respeitar toda esta riqueza, (re)começando a prestigiar as nossas mais profundas raízes culturais e religiosas. Estas ricas raízes estão à espera de serem desenterradas e colocadas num contexto mais compreensível. Acredito que só assim é que poderemos desfazer lentamente aquela impressão de que ainda somos um povo sem os devidos cuidados com a nossa memória.

* * *

Para registro e com as maiores homenagens pelo desprendimento, boa vontade histórica e conhecimento jurídico do advogado e acadêmico Wainer de Carvalho Ávila²¹, segue a transcrição da petição proposta em memória de Francisca Paula de Jesus, reivindicando-lhe o Registro Civil (ainda que tardio). Ei-la:

“Exmo. Sr. Juiz de Direito da 3ª Vara Cível da Comarca de S. João del-Rei, MG.

Os requerentes **INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO JOÃO DEL-REI**, sociedade civil com finalidades científicas e culturais, sem fins lucrativos, CNPJ 18 994 319/0001-45, com endereço na Rua Santa Tereza nº 127-Centro (*Casa mais antiga*), São João del-Rei/MG, representado por seu presidente JOSÉ ANTÔNIO DE ÁVILA SACRAMENTO; o **ROTARY CLUBE DE SÃO JOÃO DEL-REI (DISTRITO 4580)**, entidade civil de direito privado, CNPJ 02 599 941/0001-70, com endereço na Rua Antônio Tirado Lopes, 51, Villa Marchetti, São João del-Rei/MG, representado pelo seu presidente AGNELO ALENCAR DIAS; a **ASSOCIAÇÃO DE AMPARO E PROMOÇÃO AO CARENTE DO DISTRITO DO RIO DAS MORTES**, CNPJ 21 274 063/0001-06, com endereço na Rua Antônio Luiz Carvalho, 67, distrito do Rio das Mortes/São João del-Rei, representado pelo seu presidente SÉRGIO WILLIAM DE OLIVEIRA, pela presente ação, com fundamento nos mais elevados e altruísticos interesses de São João del-Rei e região de sua influência, particularmente a comunidade de fé católica, por intermédio do advogado *in fine* assinado, inscrito na OAB-MG sob o número 11544 e constituído em virtude dos inclusos mandatos que passam a integrar esta peça vestibular, sustentado pelo Código Civil e disposições adjetivas civis pertinentes à espécie, vêm à presença de V. Exa. para, após a exposição constante dos itens abaixo, requerer a prestação jurisdicional pelos motivos de relevante valor moral, religioso, social e legal do presente feito.

Demandam os jurisdicionados signatários desta peça inaugural de justificação destituída de caráter contencioso, o REGISTRO CIVIL TARDIO da conterrânea FRANCISCA PAULA DE JESUS - NHÁ CHICA, cujos procedimentos canônicos, com trâmites na Santa Sé, encontram-se em fase avançada, o que culminará com a sua ascensão à

²⁰ O Projeto Capital Brasileira da Cultura elegerá anualmente, a partir do ano 2006, uma cidade brasileira com o título de “Capital Brasileira da Cultura”, a partir de uma visão ampla e antropológica do significado da cultura na formação da identidade do povo brasileiro. A “Capital Brasileira da Cultura 2006” foi Olinda-PE. São João del-Rei foi, após candidatura articulada pelo vereador Adenor Simões, foi eleita “Capital Brasileira da Cultura 2007” por um Comitê Julgador, em 31 de março de 2006, na sede do Ministério da Cultura em Brasília. Concorreu com Mariana-MG, Mossoró-RN, Santa Maria-RS e Santa Cruz Cabralia-BA. O projeto tem o apoio do Ministério da Cultura, do Turismo e da Unesco.

²¹ Wainer de Carvalho Ávila, nascido e registrado no distrito do Rio das Mortes, é o presidente da Academia de Letras de São João del-Rei (biênio 2007-2008). É também confrade do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, onde ocupa a cadeira nº 05, cujo patrono é Joaquim José da Silva Xavier, o *Tiradentes*.

dignidade de PRIMEIRA SANTA BRASILEIRA da Igreja Católica Apostólica Romana, para glória e orgulho da maior nação católica do planeta.

O que se pretende, MM. Juiz, com este procedimento regimental, com supedâneo nos artigos 50, parágrafos 4º e 52 em seu § 2º, todos da lei 6.015 de 31 de dezembro de 1973, que versam sobre registros públicos, é o REGISTRO CIVIL, *QUAE SERA TAMEN*, da nacionalmente conhecida e venerada Senhora FRANCISCA PAULA DE JESUS, a qual está nos compêndios religiosos com a sublime e carinhosa alcunha de NHÁ CHICA, nascida no distrito são-joanense de RIO DAS MORTES PEQUENO (topônimo que poderá ser reabilitado, dependendo da representação política e da vontade do povo daquela comunidade).

O tema ora protocolizado e submetido à justiça encontra amparo legal nos artigos 75, 76 e 76 em seu parágrafo único do Código Civil e 3º e 4º do Diploma Processual Civil e estão evidentes a *legitimatio ad causam*, a *legitimatio ad processum* e o *ius postulandi*.

Esta causa, embutida nas razões expostas no presente petitório, transcende os limites do rigorismo legal e a rjeza e formalismos jurídicos, pois se uma causa for limitada ou sofrer efeitos de limitação por qualquer forma de imposição humana, produzirá, por consequência, efeito também limitado “*limitata causa limitatum effectum producit.*”

A veneranda e venerada senhora foi levada à pia batismal em Rio das Mortes, no dia 26 de abril de 1810 e assim está escrito ao receber o primeiro e mais importante sacramento da Igreja Católica (doc. junto):

FRANCISCA – aos vinte e seis dias de abril de mil e oitocentos e dez na capela de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno, filial desta Matriz de São João del Re, de licença do Reverendo Joaquim José Alves batizou e pôs os Santos Óleos a Francisca, filha natural de Isabel Maria, e foram padrinhos Ângelo Alves e Francisca Maria Rodrigues todos daquela Aplicação. O Coadjutor Manoel Ant. de Castro.

É, portanto, este o único documento de que dispôs a imaculada Serva de Deus que semeou tanto sobre a terra que pisou, particularmente a nobre terra de Baependi-MG, onde foi reconhecida e continua merecendo o respeito e a admiração daquela gente sábia e culta, de princípios sólidos e decisões inabaláveis, conforme se extrai das obras ali existentes, de altíssimo cunho social e caritativo e onde se afirma terem ocorrido fatos considerados milagres pelas súplicas à Santa Nhá Chica.

Ainda com respeito à inabalável fé nela depositada, pede-se a especial atenção de todos que vierem a ter oportunidade de manifestação nestes autos, para os dois grandes e suntuosos Congressos ou Encontro de Estudos sobre Nhá Chica, Mulher de Deus e do Povo no Contexto da História. O Primeiro Encontro ocorreu nos dias 21 e 22 de maio de 2004; o segundo terá início em 16 de junho do corrente ano de 2006, A FIM DE DAR PROSSEGUIMENTO AOS TRABALHOS JÁ DESENVOLVIDOS E COMO PREPARAÇÃO PARA A BEATIFICAÇÃO DA SANTA DE BAEPENDI, (documento anexo que passa a ser parte integrante deste feito para posteridade e para que a História faça justiça aos eminentes promotores de tão altruísta iniciativa, que deveria ser, por nós, imitada).

O primeiro Encontro ou Congresso teve a participação de eminentes e cultuados professores, teólogos e filósofos, a exemplo dos estudiosos e pensadores José Nicolliello Viotti, Maria José Turri Nicolliello e Maria do Carmo Nicolliello Pinho; houve participação de conferencistas de destaque no cenário nacional, com a presença do Excelentíssimo e Reverendíssimo Dom Frei Diamantino Prata de Carvalho e Presidente de Honra o Arcebispo de Mariana Dom Luciano Mendes de Almeida. O segundo vem com acréscimo do cardeal

Emérito Dom Serafim Fernandes de Araújo, na Presidência de Honra, e estará lembrando os 111 anos do falecimento da Serva de Deus.

Para nos situarmos no contexto histórico da época, era São João del-Rei a mais promissora das vilas, ao lado de Vila Rica do Ouro Preto, e foi escolhida como capital de uma das grandes comarcas da capitania mineira: a Comarca do Rio das Mortes. Em 1714 a Capitania das Minas Gerais sediava três importantes comarcas: a de Vila Rica, com sede na hoje Ouro Preto, a do Rio das Velhas, cuja sede era Vila Real, hoje Sabará e a terceira e talvez mais importante, a nossa de Rio das Mortes, que tinha seu fórum em São João del-Rei. A Comarca de Rio das Mortes, para a cobrança do quinto do ouro, teve dilatado o trecho da capitania que se estende do Ribeirão das Congonhas, nas divisas da Comarca de Vila Rica até à Vila de Guaratinguetá, pela serra da Mantiqueira ao sul, não lhe assinalando a linha do oeste, por se tratar, como explica Diogo de Vasconcelos, de sertão desconhecido. Modificações tiveram lugar em 1823, data da sedição de Ouro Preto, quando São João del-Rei sediou o governo da capitania durante todo o período de comoção, até que fosse restaurada a ordem. A importância política deste foro foi de tal ordem na colônia e de tal expressão para a coroa lusa que pouca atenção de dá, entre nós, ao estudo e à pesquisa histórica dessa “quadra” da história pátria.

As localidades de São Miguel do Cajuru e Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno tiveram presença sólida nesse período e na capela onde recebeu o sacramento do batismo, na pia de pedra-sabão ainda prestando seus sagrados serviços, FRANCISCA iniciou sua profícua vida religiosa e de muitos sofrimentos e perseguições, na sua condição de filha natural de mãe escrava. Na mesma capela, cujas pedras de alicerce ainda estão vivas e a cobrar sua reconstrução, foram feitas peregrinações memoráveis. Ali celebrou-se o casamento de Diogo Garcia da Cruz com a ilhoa Júlia Maria da Caridade, em 29 de junho de 1724, e em dois de janeiro de 1722 instalou se o Compromisso da Irmandade de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno, sendo Juiz o Cap. Pedro da Silva e manda que a “treze do mês de junho se celebre a festa do Bem-aventurado Santo Antônio, padroeiro desta nossa Irmandade com a maior devoção que e puder ser, a saber: Missa cantada ou rezada, sermão com sua procissão e será dada de esmola ao reverendo Vigário seis oitavas de ouro, e ao diácono e subdiácono duas oitavas de ouro a cada um”.

Auguste de Saint Hilaire fornece dois textos de real valia para elucidação do que deve ter acontecido e transcrevemos dois excertos, o primeiro com a seguinte redação:

Depois de me ter despedido de meu velho hospedeiro, o sr. Anjo, de sua filha D. Rita e de sua companheira D. Isabel, eu me pus a caminho. O velho Anjo chorou ao me abraçar e todos exprimiram o seu pesar com a minha partida. Anjo devia ter uns setenta anos, mas era muito ativo, ria e resmungava muito. Contudo, a todo instante dava provas da bondade de seu coração.”

Em 1822, voltando a São João del-Rei, o sábio pesquisador e explorador escreveu:

O Anjo e suas duas mulatas parecem rever-me comovidos (...) não foi sem emoção que deixei os bons habitantes do Rio das Mortes, que também tinham lágrimas nos olhos quando nos separamos... separamo-nos para sempre. Há nestas palavras algo de solene que sempre me causou profunda impressão quando necessitei dizê-las a quem tanto estimava”.

O conferencista do Primeiro Encontro, representando a Universidade Federal de São João del-Rei, Antônio Gaio Sobrinho, realizado em Baependi, em 2004, levanta considerações de que muito provavelmente NHÁ CHICA e sua mãe Isabel tenham sido escravas de seu padrinho Ângelo (nome que está na certidão de batismo) e se mudaram para Baependi após a sua morte, em 1823. Levanta ainda a hipótese que não pode ser desprezada

de que Ângelo, o mesmo citado por Saint Hilaire como Anjo, seja o pai da menina, pois *Ange*, do francês, tanto pode ser Anjo como Ângelo. Levanta também, com propriedade, a devoção de Nhá Chica a Nossa Senhora da Conceição, quando a padroeira dos negros era Nossa Senhora do Rosário e, ainda, o fato de que NHÁ CHICA, mulher, analfabeta, negra e pobre, no terrível sistema discriminatório da sua época, se tornou mulher conhecida pela História. Realmente a História não guardou muitos nomes de mulheres e quando o fez retratou rainhas e princesas. Para ilustrar esta petição, e não dissertar interminavelmente, anexamos aos autos a conferência proferida por Gaio no Primeiro Congresso para Beatificação da senhora do Rio das Mortes (doc. acostado).

Contribuição valiosa vem do escultor sacro Osni Geraldo de Paiva que vasculhou baús e alfarrábios até encontrar a certidão de batismo da mãe de FRANCISCA, chamada Isabel:

PARÓQUIA DA CATEDRAL BASÍLICA DE NOSSA SENHORA DO PILAR

DIOCESE DE SÃO JOÃO DEL-REI

CERTIDÃO

Certifico que, às folhas 190 (cento e noventa” do Livro de Registro de batismos de 1780 a 1784, Tomo II, desta Paróquia encontra-se e do teor seguinte: IZABEL – Aos treze de outubro de mil e sete centos, e oitenta e dois na Capella do Cajurú filial desta Matriz o reverendo Capelão Gonçalo Ribeiro Britto batizou e pos os Santos Óleos a Izabel filha de Roza Banguela solteira escrava de Costodio Ferreira Braga: forão padrinhos Victorino e Faustina pardos solteiros escravos de Dona Quitéria Correa de Almeida todos desta freguezia. / O Coad.tr Joaquim Pinto da Silveira.

Nada mais continha o dito assentamento, que foi fielmente copiado do original a que me reporto.

Ita in fide Parochi.

São João del-Rei, 22 de abril de 2006.

Assinado: Mons. Sebastião Raimundo de Paiva

Pároco

O fato é validado pelos senhores Mons. Luiz Gutierrez, Frei Paolo Lombardo e Irmã Célia Cadorim in “Nhá Chica – A Pérola de Baependi”, pág. 27, trecho aqui transcrito:

Portanto, Francisca era filha de Izabel Maria, que era filha de Roza Banguela ou Benguela, (era comum designar os escravos pelo nome da região africana de onde provinham), solteira, escrava de Costódio Ferreira Braga. No batistério de Francisca – como em quase todos relativos aos escravos – não consta o nome do pai, que terá sido um outro escravo ou alguém proprietário daquelas terras.

O advogado *in fine* firmado escreveu em outro processo do mesmo teor (Registro Civil Tardio do Joaquim José da Silva Xavier, o *Tiradentes* – pela 3ª Vara desta Comarca) que a memória brasileira não é muito deificada e inquestionável é o misoneísmo mineiro, culminando com algum descaso que os pesquisadores e historiadores são-joanenses dedicam às personagens de nosso culto histórico. Partindo-se desta premissa não é raro encontrarem-se manuscritos ou qualquer forma de documento antigo jogado às traças, goteiras ou cupins, sem

mencionar, por vergonha ou pejo, o que serve de pasto a roedores e de divertimento para vandalismo de não poucos. Mas há os que, por abnegação e a duros sacrifícios, tornam-se credores de nossa gratidão e perseguem os tesouros históricos a feros padecimentos, tesouros que revelam apenas o que sobrou da nossa História.

Lamentável é que há pouco interesse de nossas instituições, autoridades, pesquisadores a respeito desta mulher valorosa. Não é preciso ser religioso ou mesmo ter fé profunda para avaliar e aceitar o valor dela. Não é só pelo lado espiritual que ela tem importância para a comunidade são-joanense; sua obra representa muito e sua ascensão será boa para São João del-Rei. Não devemos permitir que ocorra com ele o que aconteceu com o Tiradentes e a Fazenda do Pombal, aqui pertinho e onde 90 por cento (talvez 99%) de nosso povo nunca foi e nem pretende ir. O Tiradentes, que nasceu em São João del-Rei e foi executado no Rio de Janeiro, tem o Governo Mineiro em Ouro Preto na data de sua imolação em holocausto. Não somos uma comunidade de reações conscientes; quase não temos voz e portamos subdesenvolvimento mental bastante conhecido, é excusado dizer mais.

Apenas com o fim de ilustrar, ouvi de Monsenhor Sebastião Raimundo de Paiva que um desconhecido apresentou-se portando um embrulho rústico e pedindo alguns *vinténs* pelo objeto. Aberto o estranho pacote, verificou o sacerdote que se tratava de um livro antigo de registro de batizados e que em seu bojo estava o assento de FRANCISCA PAULA DE JESUS.

Não há dúvida de que se persistirmos em descurar da reconstituição das verdades estaremos cometendo o pecado, ou o crime, de omissão, muito mais prejudicial que o da ação, como dizia o Padre Vieira:

Sabeis cristãos, sabeis príncipes. Sabei Ministros, que se vos há de pedir estreita conta do que fizeste; mas muito mais estreita do que deixaste de fazer. Pelo que fizeram se hão de condenar muitos; pelo que não fizeram, todos.

O filho ilustre desta terra, o mais ilustre de todos, Joaquim José da Silva Xavier, o Alferes Tiradentes, da mesma forma que FRANCISCA, não tinha documento conhecido. Por morte do religioso Alberto Bastos seus papéis velhos não encontrariam outra destinação senão a fogueira. Hoje estão nos autos da ação de Registro Civil Tardio do Tiradentes, sob o número 0625 05 048873-7, distribuída por sorteio para o juiz da 3ª Vara Cível. Do Fórum Carvalho Mourão, para gáudio e proveito das próximas gerações e desta urbe, terra-mater do Patrono Cívico da Nação Brasileira.

FRANCISCA, DÁDIVA DE DEUS AOS POBRES E AFLITOS é focalizada em sua individualidade de Serva de Deus nos contextos sócio-políticos e histórico-religiosos de sua época, bem como sua atualidade no século XXI, com reverências à sra. Anália Vilas Boas Sales Moreira, Notária do Tribunal pela Causa de Beatificação de NHÁ CHICA. Tudo nos leva a crer que chega a hora de a Santa Sé se pronunciar pela Beatificação, tais os documentos e provas no Vaticano, pois

Praticar o bem é a mais prática forma de devolver ao mundo os benefícios que dele recebemos e não há partida, quando as pessoas que partem deixam pegadas na terra em que pisaram (...) pois há os que levam muito e nunca há os que não levam nada.

Para nós a História foi pródiga em personagens e feitos, mas em favor dela, FRANCISCA, mulher ou santa ou mulher e santa, o que podemos dizer se formos perguntados? Estamos assistindo ao sublime trabalho desenvolvido pela sua ascensão ao altar dos Santos, onde reuniões e congressos se sucedem. O Segundo encontro será este mês no sul

do Estado, pois no dia 14, 111 anos terão transcorrido de sua morte. E nós, são-joanenses, conterrâneos e irmãos de NHÁ CHICA de Rio das Mortes Pequeno, o que estamos fazendo?

É vasta já a literatura sobre a conterrânea e vai a citação de alguns autores e obras publicadas: “Virtudes e Devoção de Francisca Paula de Jesus – Nhá Chica”, de Monsenhor Geraldo Junqueira; “Francisca Paula de Jesus Isabel – Nhá Chica” de Monsenhor José do patrocínio Lefort; “Anais, Primeiro Encontro de Estudos sobre Nhá Chica – Mulher e Deus e do Povo no Contexto da História”, compêndio de vários autores; “Nhá Chica, a Pérola de Baependi”, de Monsenhor Gutierrez, Irmã Cadorim e Frei Lombardo. De nossa cidade há publicações literárias sobre Nhá Chica, do professor Antônio Gaio Sobrinho e do pesquisador José Antônio de Ávila Sacramento. O Instituto Histórico e Geográfico local vem se empenhando na causa de Nhá Chica, com visíveis resultados (textos acostados).

Francisca poderá, sem dúvida, ser beatificada na visita do Papa Bento XVI ao Santuário de Aparecida. O Papa Sixto V criou a Sagrada Congregação dos Ritos com a Constituição *Immensa Aeterni Dei*, em 1588. Paulo VI, em 1969, fez a Constituição Apostólica *Sacra Rituum Congregatio*, com uma Congregação para o Culto Divino e outra para a Causa dos Santos com Departamento Judicial, do promotor Geral da Fé e o Histórico-Jurídico, conforme queria Pio XI em 1930. A Constituição apostólica *Divinus Perfectionis Magister*, de 25 de janeiro de 1983 e as *Normae Servandae in Inquisitionibus as Episcopis Faciendis in Causis Sanctorum* criou o colégio de relatores para preparação das *Positiones Supervita et Virtutibus* (ou *super martyrio*) dos Servos de Deus, mudado para Congregação para Causas dos Santos, na *Pastou Bonus*, de João Paulo II, em 1988 e o *Studium* que tem a tarefa de cuidar da atualização do *INDEX AC STATUS CAUSARUM*. Pelos exemplos de santidade (pródigos em Nhá Chica), pelo martírio e virtudes heróicas o Santo Padre procede às canonizações e delega a celebração das Beatificações. É precisamente o que poderá estar em curso até a vinda de Bento XVI ao Brasil.

Ex positis, estabelecida a pretensão do registro civil, vem em nosso socorro o veredito do juiz Cândido José Martins de Oliveira, da Comarca de Montes Altos, Maranhão, e professor da Universidade Federal daquele Estado, *in* “Janelas Para a Cidadania”:

O registro civil tardio, com dificuldades de provas, com os pais do interessado já falecidos ou desconhecido o seu paradeiro, obtido mediante sofrida e dificultosa justificação, é muito mais uma facilidade ou um mero documento; significa um grau de libertação da exclusão pessoal em que se encontrava, resgatando a dignidade que já tinha direito como ser, mas também mediante consagração constitucional, dado que a Carta de 1988 lança a dignidade da pessoa humana como princípio fundamental do Estado Democrático de Direito no artigo 1º, Inciso III”.

Para ilustrar, sem outro motivo, apenas com o escopo de fundamentar a legitimidade do pleito e da prestação jurisdicional, chama-se aos autos fato jurídico ocorrido em 1998. Não tendo sido localizado nenhum registro de Ana Maria de Jesus Ribeiro, divergiu-se, aqui e no estrangeiro, sobre a data e o local de nascimento da heroína ANITA GARIBALDI. Disputavam tal direito os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, e as cidades de Viamão, São Gabriel, Mostardas, laguna e até montevidéu, no Uruguai, pois foi ali que contraiu núpcias com o carbonário italiano Giuseppe Garibaldi. A sentença do magistrado, ouvido o Ministério Público, reconheceu a nacionalidade brasileira e a naturalidade lagunense e determinou o registro tardio da “heroína de dois mundos”, conforme atestam documentos anexos, ilustrativos da argumentação em favor do pedido anteriormente exposto. Saliente-se que a combatente sulista não dispunha de registro de batizado, mas apenas de uma declaração constante de seu consórcio com um piemontês, no Uruguai.

Com FRANCISCA não estamos fazendo nenhum favor ao reparar u erro histórico e resgatar sua cidadania, visto que, sob aspecto legal rigorista, ela não existe. É a História que está a exigir que sua vida civil e jurídica esteja de acordo com as exigências legis modernas e civilizadas; que a sua genealogia seja restabelecida; que o liame seja posto e legitimado, com força de lei, *quales principes, tales populi*.

Devidamente instruído o pleito e cumpridas as formalidades legais e de estilo é o presente para que se proceda a averbação, por mandado a ser expedido ao Cartório do Registro Civil de Rio das Mortes, do assentamento de NHÁ CHICA,, constando ali o seu nome próprio – Francisca Paula de Jesus – e o que consta no documento batismal, ouvido o digno representante do Ministério Público, ou seja, como está no livro de 1808/18, verso, pág. 300, na Catedral do Pilar:

Aos vinte e seis de abril de mil oitocentos e dez, na capela de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno, filial desta Matriz de São João del-Rei, de licença, o reverendo Joaquim José Alves batizou e pôs sos Santos Óleos a Francisca, filha natural de Isabel Maria. Foram Padrinhos Angelo Alves e Francisca Maria Rodrigues. O Coadjutor Manoel Antonio Castro.

Informam os peticionários que este registro casa-se perfeitamente com o que se encontra em seu inventário em Baependi e documentos ecumênicos do Bispado de Campanha, que poderão ser consultados ou ouvidos em Juízo, podendo o mandado adotar a forma prescrita em lei para o registro, que deverá ser cumprido no distrito de Rio das Mortes, comunidade que tem nos céus uma poderosa advogada, constando, inclusive, se necessário o nome da avó materna.

A partida de Izabel para o sul de Minas, com duas crianças, não encontra explicação lógica. Há registros de cativos forros, no Museu Regional do IPHAN, a exemplo de *José da Nação Africana*, “como se de ventre livre tivesse nascido” (Fazenda Jaguará – Nazareth), ou de *Mariana Parda*, da Fazenda do Pega-Bem, “por haver dela recebido cem mil réis”, em 1809 (o córrego do Pega-Bem fica em Rio das Mortes). *Izabel de Benguela* (Angola), se não amealhou recursos para sua manumissão ou o houve de alguma Irmandade Religiosa Parda, pode ter sido escorraçada por indesejada. É caso a merecer estudo e por este edital peço ajuda.

O alegado encontra guarida em arestos de nossos tribunais e pode ser provado por todos os meios admissíveis em direito, notadamente requisição de informes, juntada de documentos, pareceres de mestres versados na questão, provas testemunhais qualificadas e outros meios a critério de Vossa Excelência e seu honrado Juízo – *magistratum legem esse loquentem*. Anexando documentos que atestam a veracidade do exposto, dá-se à causa, para efeitos meramente de alçada, o valor simbólico de um mil reais.

Requer, finalmente, seja concedido aos autores o pálio da gratuidade judicial em vista de serem entidades filantrópicas e sem qualquer fim lucrativo, e, também, por tratar-se a questão de causa nobre e de elevado interesse público.

P. e E. deferimento.

São João d’El-Rey, MG, **14 de junho de 2006**

(Data do 111º aniversário de falecimento de Nhá Chica)

(ASS.) **WAINER CARVALHO ÁVILA**

OAB-MG nº 11544”

Fontes de consulta

ÁVILA, Wainer de Carvalho. PAIVA, Osni Geraldo de. SACRAMENTO, José Antônio de Ávila. Pedido de Abertura do Processo de Canonização do Padre Miguel Afonso de Andrade Leite. Prot. na Diocese de São João del-Rei. 26 de setembro de 2006, 3 p.

ÁVILA, Wainer de Carvalho (adv.). Petição de justificação judicial 0625 06 056045-9. Registro Civil Tardio de Francisca Paula de Jesus - Nhá Chica. São João del-Rei. Fórum Carvalho Mourão. 3ª Vara Cível. 14 de junho de 2006. 10 p.

CADORIN, Célia S. NICOLIELLO, Maria José Turri. PINHO, Maria do Carmo Nicoliello. (Orgs.). Nhá Chica, A Pérola de Baependi. Baependi: Associação Beneficente Nhá Chica. Belo Horizonte: O Lutador. 2004. 112 p.: il.

CINTRA, Sebastião de Oliveira. Galeria das Personalidades Notáveis de S. João del-Rei. São João del-Rei: FAPEC, 1994.

_____. Efemérides de São João del-Rei. 2ª ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial. 1992. 2v.

PALAZZOLO, Frei Jacinto de. A Pérola Escondida, Nhá Chica – A Serva de Deus Francisca Paula de Jesus Isabel. 2ª. ed. Rio de Janeiro. 1961.

PENA, Helena Ferreira. Francisca de Paula de Jesus, Nhá Chica. Biografia. 15ª ed. Belo Horizonte: O Lutador. s.d.

VIOTTI, José Nicoliello. NICOLIELLO, Maria José Turri. PINHO, Maria do Carmo Nicoliello (Orgs.). Anais do I Encontro de Estudos sobre Nhá Chica – Mulher de Deus e do Povo no Contexto da História. Baependi: Associação Beneficente Nhá Chica. SEGRAN. 21 e 22 de maio de 2004. 114 p.: il.

SACRAMENTO, José Antônio de Ávila. Nhá Chica, a “santa” do Rio das Mortes. Jornal de Minas. São João del –Rei, 28/11 a 12/12/2005. No. 61, pág. 2.

_____. Sobre Nhá Chica, a “Santa do Rio das Mortes”, ainda... . Jornal de Minas. São João del –Rei, 22 a 30 de junho de 2006. No. 71, pág. 2.

_____. A beata de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno. Jornal Gazeta de São João del-Rei. São João del –Rei, 15 de julho de 2006. ano IX, número 411, pág. 4.

Sites consultados

<http://www.nhachica.org.br/>

<http://www.redemptor.com.br/>

Nota do autor: Este artigo foi publicado originalmente na Revista da Academia de Letras de São João del-Rei Ano 2006, páginas 141-161.



Wainer de Carvalho Ávila e José Antônio de Ávila Sacramento
em Baependi-MG, quando visitaram o túmulo de Francisca Paula de Jesus – *Nhá Chica*.

(Foto de Vânia R. Vilela de Ávila – 17 de janeiro de 2006)